

Vale a pena, até mesmo para aquelas/es que não compartilham (com muito razão!) do entusiasmo da autora por essa proposta.

O argumento inicia-se com base na idéia, já consagrada, de que mulheres e homens na mesma cultura se situam em diferentes localizações 'geográficas'; as mulheres desempenham atividades (culturalmente atribuídas) distintas das dos homens, apresentam diferentes interesses e recursos discursivos e, portanto, diferentes maneiras de organizar a produção de conhecimentos e de se relacionar com o mundo ao seu redor, o que configura diferentes culturas de gênero.

No caso das culturas de gênero, assim como no dos povos colonizados, não se trata de mera diferença entre culturas: existe ainda a hierarquia entre os dois grupos gerando desvantagem política que, para a teoria da perspectiva (desde sua origem marxista), pode ser transformada em vantagem analítica. Com base nesse entendimento, as ciências que não utilizam, nem ajudam a desenvolver, tais perspectivas estariam impossibilitadas de desenvolver observações e apresentar explicações mais acuradas e abrangentes sobre a natureza. Talvez essa falha (deixar de usar os recursos pós-coloniais e feministas) seja a explicação para o fato de que os estudos pós-kuhnianos, por mais valiosos que sejam, não tenham detectado as pressuposições etnocêntricas e androcêntricas de suas pesquisas.

Tudo isso para desembocar na outra defesa importante: a questão da objetividade. Abrir mão das crenças prevaescentes sobre neutralidade, constatar que a objetividade das ciências é fraca, requer, então, rejeitar completamente a epistemologia da ciência moderna? Sandra Harding constrói essa pergunta justamente para

afirmar que a resposta é um sonoro não. A noção de objetividade pode ser separada das exigências de neutralidade que têm bloqueado o avanço do conhecimento a respeito de uma importante gama de casos.

Assim, as abordagens da teoria da perspectiva fornecem um mapa, um método para maximizar a 'objetividade forte' nas ciências naturais e sociais.

Embora Sandra Harding reconheça a contribuição dos estudos sociais da ciência, recorrendo mesmo a diversas contribuições de autores identificados com essa corrente, sua defesa das teorias do ponto de vista e suas conclusões tão apegadas à importância da objetividade acabam por afastá-la daqueles para quem as obsessões com 'corte epistemológico' e com a própria objetividade são irrelevantes — justamente porque eles duvidam de que os próprios cientistas estejam, de fato, preocupados com tais questões.

1 *The Science Question In Feminism*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

2 Sandra Harding. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*, v.1, n.1. Rio de Janeiro, 1993, p.7-32.

3 Para citar apenas as autoras cuja produção constitui referência obrigatória: Emily Martin, Londa Schiebinger, Anne Fausto-Sterling, Evelyn Fox-Keller, Helen Longino e Donna Haraway.

4 Conhecedora das duas correntes, Maria Margaret Lopes faz instigante discussão em seu artigo "Aventuras" nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil". *Cadernos Pagu*, n.10. Campinas: Unicamp, 1998, p. 345-68.

MARIA TERESA CITELI ■

Entre resistir e identificar-se: cinco brasileiras em debate

Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática narrativa brasileira de autoria feminina.

SHARPE, Peggy (org.)

Florianópolis: Mulheres / Goiânia: UFG, 1997. 200 p

Entre resistir e identificar-se nasce a partir da constatação de que existe uma carência considerável de teoria para explicar o desenvolvimento da literatura de mulheres no Brasil. Assim, sua proposta central é explorar e questionar os limites atuais do debate crítico sobre a narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina.

Além de Clarice Lispector, a autora mais traduzida na Europa e nas Américas, existe hoje uma comunidade de escritoras brasileiras cuja

obra vem sendo cada vez mais reconhecida nacional e internacionalmente. Cinco dessas escritoras estão presentes no livro: Marina Colasanti, Helena Parente Cunha, Lya Luft, Néilda Piñon e Lygia Fagundes Telles, as duas últimas membros da Academia Brasileira de Letras, sendo Néilda a primeira mulher a presidir a Instituição.

Em março de 1996, a Universidade de Illinois promoveu um encontro dessas escritoras com sete estudiosos, tradutores e professores de literatura de língua portuguesa. Durante três dias de discussões acaloradas, as escritoras trataram do problema da literatura de autoria feminina do ponto de vista de sua própria prática. Os estudiosos tentaram construir uma abordagem teórica que pudesse servir para melhorar a leitura da narrativa de autoria feminina brasileira do século XX. *Entre resistir e identificar-se* é fruto desse rico e intenso debate.

No primeiro artigo, 'Ambigüidade e Gênero: estabelecendo a diferença entre ficção escrita por mulheres no Brasil e na América Espanhola', Earl E. Fitz, examina algumas das questões crítico-pedagógicas concernentes ao estudo, ao ensino e à tradução da narrativa de mulheres brasileiras na América do Norte. Para Fitz, as escritoras brasileiras, em sua singularidade, estão transformando a face da literatura latino-americana contemporânea. "De fato, não é exagero dizer que elas estão ajudando a transformar a arte de escrever. Ao introduzir inovações estilísticas, estruturais, temáticas, e de voz, as escritoras brasileiras estão conquistando um espaço na literatura internacional, garantindo sucesso de público e de crítica no mundo inteiro". O autor acredita que Machado de Assis, ao criar personagens femininos complexos e mostrar uma nova maneira de escrever que rompe com os estereótipos e subverte mitos culturais, contribuiu enormemente para o estabelecimento de um clima crítico, crítico e intelectual do qual as escritoras brasileiras emergem. Para ele, existe uma tradição de inovação e experimentação que liga a narrativa de Machado de Assis, com suas sutis mas poderosas interrogações sobre a condição e as sexualidades femininas, e a *New Novel* dos anos 60, um gênero ressaltado pelas escritoras brasileiras. A narrativa da América espanhola não possui um escritor que retrate as mulheres como o faz Machado de Assis, e esta diferença, acredita Fitz, é crucial para se compreender não somente por que as duas tradições narrativas se desenvolveram da forma como se desenvolveram, mas também para se perceber o lugar ocupado pelas mulheres como personagens e como escritoras.

Em seguida, Marina Colasanti, em 'Por que nos perguntam se existimos', reflete sobre um

infundável debate: existe (ou não) uma escrita feminina? Existe uma literatura feminina?

Há anos, em todos os níveis, estamos respondendo, com a melhor das intenções. Mas, embora clara e justa, a resposta tem se demonstrado ineficiente. Não consegue eliminar a pergunta. Não consegue sequer modificá-la. Apesar de tudo o que já dissemos, continuam questionando nosso fazer literário exatamente da mesma maneira, com a mesma insistência, com idênticas palavras. Como se nada tivéssemos dito. Então, depois de tanto responder, cheguei a uma convicção: o erro não está na resposta. Que pergunta é essa afinal?

A autora revela o preconceito por trás desta pergunta e analisa a posição da mulher como trabalhadora, como leitora e principalmente como escritora, para concluir que quando, diante do computador, busca a essência profunda do homem e da mulher, o que sente intensamente é que procura a sua mais profunda essência. "É que essa é, antes de mais nada, uma essência de mulher".

O artigo de Peggy Sharpe, 'Imagens e poder: construindo a obra de Marina Colasanti', discute a ausência de mulheres na literatura e a imagem da escritora marginalizada, obrigada a conformar as especificidades de seu gênero aos parâmetros do discurso nacional hegemônico, segundo o qual interesses temáticos femininos seriam de importância secundária para a nação. A história literária tradicional relegou os textos de autoria feminina à escrita pessoal e autobiográfica. Ao explorar a relação entre identidade cultural e de gênero, as crônicas e ensaios de Marina Colasanti se ajustam à tradição de mulheres escritoras que empregam o autobiográfico e o subjetivo como significantes de uma nova linguagem. Durante quase vinte anos como redatora da revista *Nova*, Marina Colasanti se apropriou da crônica e do ensaio pessoal como instrumento para se comunicar com mulheres a respeito de mulheres. Essa experiência a tomou, nas palavras de Peggy Sharpe, uma escritora 'feminista praticante'.

Lygia Fagundes Telles, em 'A mulher escritora e o feminismo no Brasil', faz uma análise da produção literária feminina em um contexto de libertação da servidão, em que a mulher brasileira teve que enfrentar preconceitos e desafiar a tradição. Quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, a mulher brasileira estava aprisionada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, sem saber ler e escrever. Para a autora, a ficção feita por mulheres tem suas características próprias, é mais intimista, mais confessional: a mulher ao se revelar

escolhe um estilo de mergulho em si mesma aparentemente narcisista, porque precisa falar de si própria e de suas descobertas.

Em 'Consciência feminista/identidade feminina: relações entre mulheres na obra de Lygia Fagundes Telles', Cristina Ferreira-Pinto, analisa a relação entre a literatura feminina no Brasil e uma consciência feminista, concluindo que a obra de ficção de nossas escritoras tem sido um instrumento importante para a criação de uma consciência feminista junto a suas leitoras, ainda que repudie o feminismo como rótulo. Ao criar pequenas comunidades femininas, famílias centradas na figura da mulher e em que predominam as relações entre as mulheres, Lygia Fagundes Telles preenche um dos requisitos necessários ao desenvolvimento de uma consciência feminista: a criação de 'espaços de mulheres', espaços de grande importância para a formação do sujeito feminino que busca construir uma identidade em seus próprios termos, independente do homem.

Néilda Piñon discute o complexo processo de criação do escritor, seus desejos e temores ao enfrentar os obstáculos da aliança entre invenção e memória em 'O gesto da criação: sombras e luzes'. Revela a natureza de sua relação com a escrita, desde a mais remota infância até hoje, refugiando-se 'nessa espécie de sagrado que habita o cotidiano da arte'.

Em 'Néilda Piñon: a questão da história em sua obra', Naomi Hokl Moritz, revela que a riquíssima obra dessa escritora, desde seus primeiros textos subversivos, antecipa as grandes questões teóricas do estruturalismo, do pós-modernismo e particularmente do feminismo. Em um percurso literário de três décadas, Néilda Piñon celebra, incansavelmente, a fertilidade da imaginação feminina e reitera a importância do papel da fantasia em nossas vidas.

Helena Parente Cunha, em 'A mulher partida: a busca do verdadeiro rosto na miragem dos espelhos', analisa sua narrativa como um instrumento teórico e crítico do ponto de vista feminista. Sua obra reflete os conflitos de mulheres que tomam consciência do abuso do poder e questionam a condição de desigualdade a que estavam submetidas. "Parte significativa da minha produção narrativa se organiza em clima e a partir de uma incontida perplexidade e revolta ante o absurdo dos papéis vividos pelas mulheres que eu vi, desde minha infância e adolescência, nos anos 30 e 40, na Bahia e em vários outros lugares, mesmo ainda hoje".

Em 'Espaçamento como registro cultural na obra de Helena Parente Cunha', Maria José

Somerlate Barbosa, discute o posicionamento feminista da obra da escritora utilizando conceitos teóricos desenvolvidos por Jacques Derrida e Mikhail Bakhtin.

Lya Luft, em 'Masculino e feminino: um possível reencontro', busca pensar porque sua obra é considerada como uma 'literatura que fala de mulheres'. Em um dos mais belos artigos deste livro, reflete sobre os desejos e frustrações de homens e mulheres que querem tanto se encontrar e, muitas vezes, não conseguem, porque não têm a coragem de se revelar como realmente são.

Uma sociedade narcisista cobra preços extraordinários a quem não conseguir escapar de seus chavões: é preciso ser boa profissional e também uma linda mulher, batalhadora sem ser agressiva, discreta, até impessoal — mas também elegante, companheira, porém intrometida jamais, brilhante e se possível também um pouco burra. 'Não fique o dia todo lendo, quando crescer você não vai arrumar marido, os homens detestam mulheres inteligentes', ouvi dezenas de vezes quando criança. (...) Em minha literatura eu falo, também, de homens titurados por deveres: ser firme e forte; ser um sucesso, prover, prever, não fraquejar, depois aposentar-se e mesmo assim não parar, nunca parar porque existe uma caricatura de pijama e chinelos que os atira para que não deixem de ser atuantes, seja lá em que atividade for. Escrevo muito sobre a solidão dos homens — que é também a solidão das mulheres.

Em 'Mutatis Mutandis: a evolução da obra de Lya Luft', Susan Quinlan, analisa a obra da escritora e sua maestria em ilustrar os conflitos que afetam as mulheres brasileiras, mulheres que levam vida dupla, marginalizadas dentro da sociedade e marginalizadas de si mesmas.

Os personagens de Lya Luft são particularmente adequados às interpretações feministas, conforme os tecidos psicológicos, morais e sociais que suas experiências enfatizam. (...) Seus protagonistas descobrem que não são capazes de se integrarem dentro da classe média existente e, assim, começam a redefinir a sociedade brasileira (...). Os romances de Luft são explorações da natureza das mulheres em geral, e delineiam ideologias e certas características femininas que são especificamente brasileiras.

Com 'Gênero e tradução: uma meditação em três encontros', Ronald Sousa, finaliza o livro levantando alguns problemas específicos de linguagem e gênero inerentes à tradução de narrativas de autoria feminina.

O livro é uma oportunidade única de encontrar, lado a lado, cinco das autoras brasileiras mais

importantes de nosso século, e alguns dos especialistas em suas obras. Os problemas colocados nesse intenso diálogo contribuem enormemente para a discussão sobre questões de gênero, sobre o processo de formação de identidade e sua

complexa relação com a linguagem ou com a cultura que gerou essa tradição de narrativa feminina que vem, cada vez mais, seduzindo leitores de todo o mundo.

MIRIAN GOLDENBERG ■

Escritoras brasileiras do século XIX

Escritoras brasileiras do século XIX

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.)

Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999

Em 1999, mil páginas chegam literalmente pelas mãos de Zahidé Muzart às nossas mãos, no volume *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, uma belíssima e primorosa edição da Editora Universidade de Santa Cruz do Sul e da Editora Mulheres¹. Nele, a força de trabalho direta, manual e intelectual, de sessenta e oito mulheres, incluindo nessa empreitada desde a planejadora, a organizadora, as editoras, as escritoras, as pesquisadoras, a prefaciadora: mulheres amarrando as pontas de dois séculos, integrando norte, sul, leste, oeste, as Américas. Somam-se a essas, mais uma dezena nos agradecimentos, que vão desde a funcionária da livraria do Campus a outras pesquisadoras ou precursoras...

Escritoras Brasileiras do Século XIX é, em síntese, não somente o resultado de uma pesquisa integrada, financiada, mas uma demonstração de um trabalho de equipe e de uma sinfonia ou sintonia de múltiplas vozes em um tempo datado: escritoras brasileiras do século XIX, pesquisadoras brasileiras do século XX, literatura brasileira para o século XXI, que possibilitam reavaliar nossa história cultural.

O livro é centrado nas escritoras, no fato de serem brasileiras, e em um tempo específico, porque significativo. Começamos pelo *brasileiras* e por sua relação com o conceito norteador do século XIX. O conceito de nação está intrinsecamente ligado à escritura. Até porque não existe, *a priori*, uma definição de nação. Citemos alguns clássicos e o que dizem: "Não há um melo 'científico' de estabelecer o que todas as nações têm em comum."² Nação é "qualquer corpo de pessoas

suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação"³. Ou "o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem"⁴.

Preferimos ficar com a concepção de que nação é escritura; o conceito alimenta-se de textos. Na base da formação da consciência nacional está o texto impresso; foi através dele que ela pôde existir. Logo, nada pode ser ignorado. Neste ponto em que chegamos, para reforçar a idéia de uma nova leitura da história literária do século XIX, descobrimos que o século XX passou sem termos solucionado a impossibilidade de se entender o século XIX, o centramento no nacionalismo e o processo de formação de uma história da literatura brasileira — mais exatamente, da cultura brasileira, ou de uma periodização delimitada por cânones indiscutíveis. Há seqüestros evidentes. Conhecíamos até agora, através da denúncia de Haroldo de Campos, no processo da formação da literatura brasileira, o seqüestro do barroco... Em relação às escritoras, nem denúncia nem platas, mistério, enigma, vagas referências apenas. Em outras palavras, as verdades de uma tradição histórica, quando confrontadas com as provas concretas, como neste livro, devem ter seus alicerces estremecidos.

Não é preciso falar mais do espantoso silêncio a que essas cinquenta e uma escritoras brasileiras foram submetidas. As falas dessas mulheres não querem provocar apenas uma ruptura, introduzir a alteridade, a diferença. Ler assim, apenas, seja ler pela oposição. Os textos reunidos em oposição só nos levariam mais uma vez à avaliação do paradigma de uma história literária escrita por textos de autores homens. O que valeria dizer: *Pior... escrita por nomes masculinos*, igualmente canônicos. Já superamos essa angústia e essa fase de desabafo. O desafio agora é reescrever essa história e ler diferentemente as histórias da literatura brasileira do século XIX e a historiografia produzida no século XX. Referimo-nos aos historiadores canônicos como Antonio Candido, José Aderaldo